

Exemplos de valorização de monumentos megalíticos na Beira Baixa: Cão do Ribeiro (Proença-a-Nova) e Cabeço d' Ante (Vila Velha de Ródão)

João Caninas^{1 e 3} Francisco Henriques²
Mário Monteiro¹ Isabel Gaspar⁴ Mário
Benjamim^{3 e 6} Carlos Neto de Carvalho^{5 e 6}
Jorge Gouveia² José Manuel Pires⁷

1 EMERITA – Empresa Portuguesa de Arqueologia

2 Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT)

3 Universidade de Évora, CHAIA

4 Câmara Municipal de Proença-a-Nova

5 Geopark Naturtejo Mundial da UNESCO

6 Câmara Municipal de Idanha-a-Nova

7 Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão

Palavras-chave Sepulturas megalíticas, valorização pública, Beira Baixa, Cão do Ribeiro, Cabeço d' Ante

Resumo A revelação do megalitismo do território correspondente à atual Beira Baixa teve um momento alto com os trabalhos de inventário e escavação de sepulturas megalíticas executados por Francisco Tavares de Proença Júnior, no início do século XX.

Depois das intervenções, limitadas no espaço e no tempo, de Félix Alves Pereira, de Georg Leisner e Vera Leisner e de O. da Veiga Ferreira, este interesse foi retomado, na região, a partir do final do mesmo século por diversos investigadores da Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), ao nível do inventário sistemático e investigação aplicada.

Mais recentemente, no âmbito do projeto de investigação Mesopotamos (Povoamento do 5º ao 1º milénio a.C. entre o Tejo e o Zêzere na atual Beira Baixa) e do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova, tem-se procurado valorizar socialmente os monumentos investigados, dotando-os de condições de adequado usufruto e compreensão pelas comunidades locais e visitantes.

Neste contexto, apresentam-se as intervenções de reconstrução parcial de duas sepulturas megalíticas (antas), Cão do Ribeiro (Proença-a-Nova) e Cabeço d' Ante (Vila Velha de Ródão), integradas respetivamente nos percursos pedestres denominados "História na Paisagem" (PNV PR1) e "Caminho das Virtudes" (VVR PR2). Foram intervenções simples, reversíveis e de baixo custo. Entretanto, está em desenvolvimento a proposta de valorização da grande sepultura megalítica do Cabeço da Anta (Proença-a-Nova) com um programa e recursos mais avultados do que naqueles dois casos.

Estes investimentos em inventário, estudo e valorização de sepulturas megalíticas, integrados desde 2015 no projeto de investigação Mesopotamos, com o apoio fundamental dos municípios de Proença-a-Nova e de Vila Velha de Ródão, sustentaram o ingresso da AEAT na rede europeia denominada *The European Route of Megalithic Culture*, itinerário cultural do Conselho da Europa.

Introdução

Desde 1868, data da primeira referência, em contexto científico, a uma sepultura megalítica (Costa, 1868: 91) na Beira Baixa (de acordo com a nomenclatura de unidade territorial, NUT III), até ao presente, o estudo e a valorização deste património tem-se caracterizado por longa ausência de iniciativas, por comparação com outras regiões de Portugal, do Alentejo à Beira Alta (Viseu).

É consensual que essa pesquisa teve um momento alto, embora curto, no início do séc. XX, com os trabalhos de Francisco Tavares de Proença Júnior, de inventário (Proença Jr, 1910), de escavação de sepulturas megalíticas (Proença Jr, 1909) e outros (Ferreira, 2004). Seguiram-se, de modo mais limitado, as ações de Félix Alves Pereira, com a escavação da Anta Grande de Medelim (Pereira, 1933), de Georg Leisner e Vera Leisner, com um novo inventário referente ao território de Proença-a-Nova (Leisner, 1998), e de O. da Veiga Ferreira, com a escavação de diversas sepulturas em Idanha-a-Nova (Almeida & Ferreira, 1971, entre outros trabalhos).

Essa investigação seria retomada, de forma mais sistemática, a partir dos anos 70 da mesma centúria, por diversos investigadores, integrados em projetos de investigação da Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), a que se deve associar uma intervenção do então Serviço Regional de Arqueologia do Centro (Pereira da Silva, 1991), suscitada pela AEAT, sendo menos numerosos os trabalhos executados, mais recentemente, fora desse contexto (Santos & Figueira, 2011; Caninas *et al.*, 2014 e 2015).

As intervenções de escavação de monumentos megalíticos, promovidas pela AEAT, foram finalizadas com a selagem das respetivas intrusões, de modo a garantir condições básicas de conservação das estruturas arqueológicas, de acordo com normas vigentes, mas, só recentemente, se acrescentou um novo objetivo, a reconstrução (parcial) dos monumentos e a sua qualificação para visita, em condições didáticas, com o advento do turismo pedestre.

Tal ocorreu em Proença-a-Nova, a partir de 2012, com a criação do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova, motivado pela intenção de qualificar as sepulturas megalíticas (Caninas *et al.*, 2021) integradas pelo município no percurso pedestre PNV PR1 "História na Paisagem", ação que se alargou a outros tipos de sítios arqueológicos (Henriques, 2021). O sítio do Cão do Ribeiro, uma das três sepulturas megalíticas integradas naquele percurso, é um dos dois casos que se apresentam.

Em Vila Velha de Ródão fez-se, de igual modo, a valorização da estrutura megalítica do Cabeço d'Ante, após escavação e integração no percurso pedestre VVR PR2 "Caminho das Virtudes". Anos antes, no âmbito de projeto de investigação Alentejo, em 2006 (Caninas *et al.*, 2008), fizera-se um primeiro ensaio de reconstrução, também parcial, visando a visita, da sepultura megalítica do Cabeço da Força, em Rosmaninhal (Idanha-a-Nova).

Os trabalhos executados em Cão do Ribeiro e Cabeço d'Ante (Figura 1) dependeram fundamentalmente da participação e apoio, extenso e permanente, dos municípios de Proença-a-Nova e de Vila Velha de Ródão, através de protocolos de colaboração com a AEAT, e da colaboração de outras entidades, nomeadamente o Geopark Naturtejo Mundial da UNESCO, a EMERITA e a então CELTEJO, no caso do Cabeço d'Ante. Estes objetivos, da investigação à valorização pública, das duas sepulturas megalíticas, não teriam sido possíveis sem a adesão dos proprietários dos terrenos envolventes, António de Jesus Lourenço (Cão do Ribeiro), José Pires Carmona, João Albino António e Maria Manuela Pires Lourenço (Cabeço d'Ante), a quem manifestamos público agradecimento.

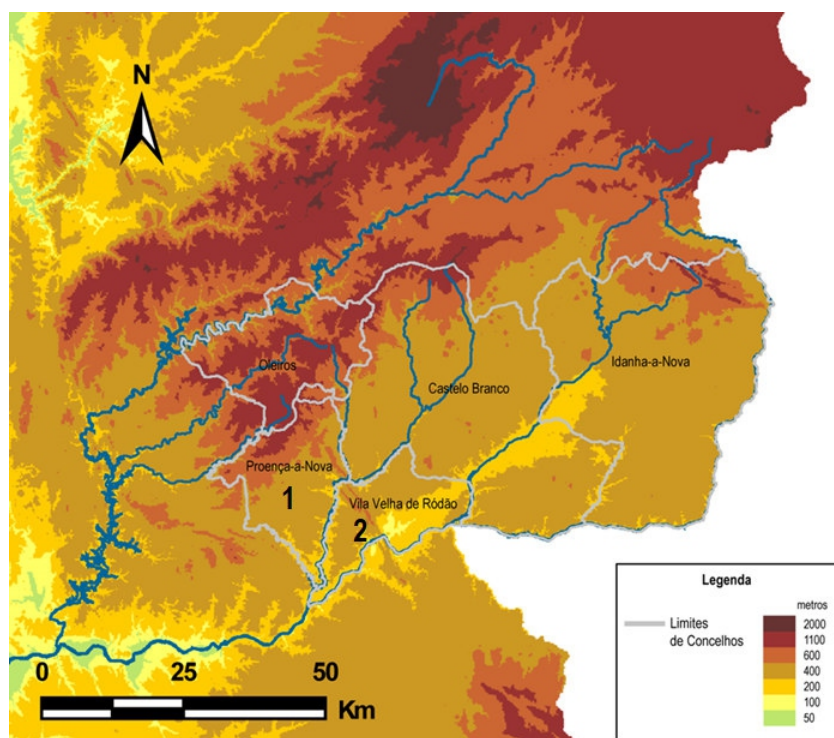


Figura 1. Localização das sepulturas megalíticas de Cão do Ribeiro (1) e de Cabeço d'Ante (2) em mapa hipsométrico com limites de municípios, de Oleiros, Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão (fonte: www.guiadeportugal.pt).

Este investimento na valorização do património megalítico regional sustentou o ingresso da AEAT na associação *The European Route of Megalithic Culture*, um itinerário cultural do Conselho da Europa estabelecido em 2013.

Enquadramento

As intervenções executadas em Cão do Ribeiro e Cabeço d'Ante beneficiaram da apreciação, não sistemática, de diversos casos de valorização de monumentos megalíticos, ocorridos nos últimos trinta anos, sobretudo no território português, por iniciativa privada, municipal ou da administração central. Citam-se alguns casos (Figura 2) ilustrativos das soluções adotadas quanto aos modos de consolidação estrutural, aos materiais de construção utilizados, à amplitude da intervenção, à introdução de edifício de proteção ou cobertura contra agressões naturais ou antrópicas, aos percursos de visita e aos balizamentos periféricos.

Em nossa opinião, estas intervenções têm sido guiadas por dois objetivos principais, que são, a reconstrução como modo de potenciar a sua compreensão por um público indiferenciado e a consolidação/proteção das estruturas de interesse arqueológico, contra as agressões naturais ou antrópicas. Uma sepultura megalítica é constituída por diversas subestruturas, mas no que concerne às principais opções de reconstrução focaremos a atenção em duas partes fundamentais: a estrutura monticular, constituída por inertes finos, como argila e terra, e rochas, que formam a *mamoa* (nome popular), e a estrutura funerária/ritual (câmara, corredor, átrio) interna àquela, a *anta* (nome popular), constituída maioritariamente por rochas. *Anta* e *mamoa* são partes indissociáveis de um mesmo monumento.

O primeiro objetivo tem sido atingido de modo diverso no que respeita à amplitude da intervenção. Têm-se observado duas opções principais, que são, a reconstrução total do monumento, de acordo com a interpretação proporcionada pela escavação arqueológica antecedente, ou a reconstrução parcial, consubstanciada sobretudo pela não reposição da totalidade da mamoa nem das estruturas ortostáticas centrais e respetivas coberturas. Como exemplos de reconstrução total citam-se os casos do *tholos* 7 de

Alcalar (Morán & Parreira, 2004), em Portimão, com uma exemplar intervenção da administração central, e a mamoa 1 do Castelo (Sanches *et al.*, 2005), em Murça, com a reposição da totalidade da estrutura monticular e da cobertura da câmara. Um caso extremo de reconstrução (em 2004) pode ser observado na Table des Marchand (Scarre, 2006: 42). A reconstrução parcial parece ser a opção maioritária. Na Casa da Orca de Corgas da Matança (Cruz *et al.*, 1990), em Fornos de Algodres, e em muitos outros sítios, a mamoa continuou ausente após a reconstrução, observando-se um terrapleno em torno da estrutura ortostática.



Figura 2. Localização dos sítios citados no texto em mapa genérico da Península Ibérica: 1 – Dombate (Galiza); 2 - Castelo (Murça); 3 - Monte Calvo (Arouca); 4 - Picão (Castro Daire); 5 - Juncais e Pendilhe (Vila Nova de Paiva); 6 - Carapito (Aguar da Beira); 7 - Lapa de Meruje (Vouzela); 8 - Cunha Baixa e Padrões (Mangualde); 9 - Corgas da Matança (Fornos de Algodres); 10 - Seixo da Beira (Oliveira do Hospital); 11 - Penedinho Branco (Miranda do Corvo); 12 - Cão do Ribeiro (Proença-a-Nova) e Cabeço d'Ante (Vila Velha de Ródão); 13 - Cabeço da Forca (Idanha-a-Nova); 14 - Patalou (Nisa); 15 - Meada (Castelo de Vide); 16 - Cabeçuda (Marvão); 17 - Museu do Megalitismo (Mora); 18 - Anta Grande do Zambujeiro (Évora); 19 - Circuito da Cola (Ourique); 20 - Alcalar (Portimão); 21 - Antequera (Andaluzia).

Para além da estrutura arqueológica, em alguns casos têm sido acrescentados elementos edificados, cujo efeito intrusivo, no seu enquadramento espacial, não devemos ignorar. Referimo-nos a estruturas de cobertura, para proteção, e a suportes informativos em posições adjacentes. Em Dombate, na Galiza, a proteção das duas sepulturas megalíticas foi concretizada com um amplo telheiro de planta quadrangular, de quatro águas, em madeira (Cebrián del Moral *et al.*, 2011: 109). Na Orca de Juncais (Vila Nova de Paiva) foi colocada uma pala metálica, em arco, na forma de uma faixa diametral (inf. disponível na página do Turismo Viseu Dão Lafões), sobre a câmara funerária, como forma de proteger as pinturas pré-históricas conservadas nos seus esteios. O já citado sítio de Alcalar 7 dispõe de um edifício que funciona como "centro de acolhimento e interpretação" (Morán & Parreira, 2004: 299). Ainda em fase de projeto, refira-se a intenção de recorrer a uma estrutura metálica (que ficará oculta), baseada em cinco pórticos, para suporte da suspensão da tampa original da câmara megalítica de Carapito 1, e uma chapa, também metálica, "que funcionará como *teto* do dólmen, a qual será revestida por terra" (Carvalho *et al.*, 2020: 66). Contudo, no contexto geral do megalitismo, são soluções excecionais. Como coberturas provisórias refram-se os telheiros metálicos colocados sobre a Anta Grande do Zambujeiro (Évora) e sobre o Cabeço da Anta (Proença-a-Nova).

Na generalidade dos casos, o objetivo de informar os visitantes baseia-se em painéis informativos na adjacência dos monumentos. No plano comunicacional, e embora não esteja associado a um monumento específico, mas a um conjunto regional, deve referir-se o Museu do Megalitismo de Mora.

No que concerne aos meios de consolidação e reconstrução estrutural têm sido adotadas soluções e materiais muito diversos. Materiais exógenos como ferro e cimento, nem sempre aceites pelas entidades de tutela, mesmo que não estejam visíveis no final da intervenção, foram utilizados em diversos casos. O melhor exemplo é Alcalar 7, uma iniciativa da administração da Cultura, com a construção de um muro circular em betão a envolver o topo da câmara, para servir de apoio a uma estrutura de quatro vigas metálicas, interligadas por uma rede triangular, sobre a qual foi colocada uma tampa plana de chapa de aço, com óculo central sobre a claraboia da câmara (Morán & Parreira, 2004: 305). O objetivo foi retirar o peso da nova cobertura de pedras da mamoa sobre a falsa cúpula original. Na mamoa 1 do Castelo "dada a ausência da laje de cobertura, e para que a estrutura ficasse segura (se conservasse), foi construída uma cobertura em cimento armado" (Sanches *et al.*, 2005: 23).

Em casos mais antigos, como o da Casa da Orca da Cunha Baixa (Vilaça & Cruz, 1990), em Mangualde, cuja intervenção foi solicitada por uma associação local, visando o restauro do monumento, é referido que os esteios "cujos fragmentos se encontraram, foram completados e cimentados" (Vilaça & Cruz, 1990: 14). Outras junções de fragmentos foram executadas com grampos de ferro. Pelo facto de as peças serem de elevada volumetria, de estarem inclinadas e de não terem disso fundadas em alvéolos abertos no substrato geológico, estando simplesmente pousados no saibro, "toda a área da câmara e do corredor foi preenchida com pedras de granito, cimentadas entre si, transformando-se numa espécie de sapata, com cerca de 25cm de altura, superficialmente recoberta com pequenas lajes, formando um pavimento, de aspeto bastante uniforme, cuja inclinação é superior no interior da câmara para permitir o escoamento das águas pluviais" (Vilaça & Cruz, 1990: 14). Os esteios do corredor também foram consolidados, no lado exterior, com um embasamento do mesmo tipo de rochas e cimento.

Mas houve casos em que não foi possível fazer esse tipo de colagens, para reposição de esteios nas posições originais, tanto na câmara como no corredor. Uma solução vulgarmente utilizada tem consistido no preenchimento de espaços vazios entre esteios, ou nas posições em que estes estão ausentes, com uma alvenaria de pedra seca disposta por camadas horizontais. Tal foi executado na câmara da mamoa 1 do Castelo (Sanches *et al.*, 2005: 22) de modo a preencher todos os espaços entre os esteios, de quartzito, até ao nível da sua cobertura, com parede de blocos de "xisto quartzítico". Este recurso visou também criar uma contenção interna, em relação à câmara, para a reconstrução total da mamoa.

Esta solução ocorre, de modo mais recorrente, na reconstrução (mesmo que simulada) de corredores ortostáticos. Na Orca de Pendilhe (inf. disponível na página do Turismo Viseu Dão Lafões), em Vila Nova de Paiva, existe um corredor de cerca de 5m de comprimento, totalmente simulado em planimetria, com dois muretes baixos de blocos de granito, postos em posição horizontal. Caso extremo pode observar-se no *dolmen de Viera* (ver Turismo de Antequera), em Antequera (Málaga), onde o corredor, aéreo, está ladeado por estruturas murárias de pedra aparelhada, argamassada, capeadas por friso em cimento, estrutura que se prolonga em frontão sobre a entrada no monumento. Esta solução assemelha-se às equivalentes estruturas dos *tholoi* micénicos (National Geographic, 2020). Na Orca dos Padrões (Gomes & Carvalho, 1997), em Mangualde, o aparelho de blocos horizontais formou um circuito baixo, de preenchimento das posições de ausência de esteios na câmara e no corredor, sem atingir o topo dos elementos mais elevados, visando marcar, simplesmente, o contorno do espaço interno àquelas duas subestruturas.

Nos casos em que foi possível individualizar cavidades de fundação de esteios e estimar a sua altura, pelos que se conservavam *in situ*, foram colocadas peças equivalentes, como na sepultura megalítica de Seixo da Beira (Perpétuo *et al.*, 2009), em Oliveira do Hospital. Ao invés, na mamoa 1 do Castelo, o corredor, sendo intratumular, foi novamente moldado em argila (Sanches *et al.*, 2005: 23).

Um dos momentos finais de valorização de monumentos megalíticos consiste na colocação de balizamentos ou cercas periféricas. Estas estruturas não visam impedir a entrada livre de visitantes, mas bloquear a aproximação de maquinaria, em trânsito, de trabalho ou lazer, ou a instalação de novos acessos

ou construções. Têm sido muito variadas as soluções adotadas, mas há casos em que estas estruturas estão ausentes. Soluções mais densas podem ser mais eficazes contra ações negativas, mas terão um maior efeito intrusivo no enquadramento espacial dos monumentos megalíticos. Exemplos de opções densas são a cerca murária, sub quadrangular, contruída em torno da mamoa 2 de Monte Calvo (Silva, 2004), em Arouca, e o muro, circular, construído a envolver a anta da Cabeçuda (Oliveira *et al.*, 2007), em Marvão, após a escavação daquela sepultura.

É mais comum a montagem de cercas de madeira, uma opção menos intrusiva, que o muro em pedra, mas menos durável e resistente face a agressões mecânicas e agentes naturais (fatores climáticos e fogos rurais). Estão presentes na Casa da Orca das Corgas da Matança (Cruz *et al.*, 1990), na Casa da Orca da Cunha Baixa (Vilaça & Cruz, 1990) ou no Penedinho Branco (Caninas *et al.*, 2012), em Miranda do Corvo. Caso mais simples é o do reerguido menir do Patalou, em Nisa, que foi cercado por corda suspensa em quatro postes de madeira (Oliveira, 2019).

No Circuito Arqueológico da Cola (Correia & Parreira, 2002), que inclui sepulturas megalíticas, os sítios estão envolvidos por cercas metálicas (rede ovelheira), com uma portada para livre acesso, idênticas às utilizadas para conter espaços pastoris e de caça, talvez com o objetivo de impedir a entrada de gado ou de animais silvestres. Foi utilizada idêntica solução no Cabeço da Forca (Caninas *et al.*, 2008).

Nos Parques Eólicos de Arada e Montemuro, e em particular no Subparque Eólico de Picão (Castro Daire), foi adotada uma solução diferente, mais discreta e de menor intrusão na paisagem, que consistiu na colocação de pinos cilíndricos, em betão, com 80cm de altura e 15cm de diâmetro, enterrados até 50cm de profundidade, posicionados de modo equidistante, numa periferia circular envolvente de diversas mamoas (Caninas & Monteiro, 2021), sendo idênticos aos utilizados para balizar o traçado dos cabos elétricos, enterrados, entre aerogeradores. Muito antes desta utilização, foram também utilizados pequenos pinos cilíndricos, por exemplo, em torno do menir da Meada (Castelo de Vide) e no respetivo acesso.

As cercas relacionam-se obviamente com os circuitos de visita. Neste apartado as opções também têm sido muito contrastadas, desde a permissão de livre trânsito nas estruturas ortostáticas (câmaras e corredores), geralmente sobre pisos de gravilha, à sobre passagem das mamoas, como em Alcalar 7, com passareira de madeira (Morán & Parreira, 2004), à circulação na periferia do monumento, como em Dombate (Cerebrián del Moral *et al.*, 2011), sobre passadiço sobre elevado, ou ao afastamento e observação a partir de uma posição elevada na periferia do monumento, como na Lapa de Meruge (Carvalho, 2018: 205), quando decorria a respetiva (re)escavação.

Seria relevante abordar outros aspetos, relacionados com um controlo microclimático dentro destes monumentos, garante da necessária conservação da rocha e de elementos gráficos (gravura e pintura), e a adequada drenagem de águas acumuladas no seu interior, mas não é este o momento para o fazer.

Intervenções em Cão do Ribeiro e Cabeço d' Ante

Os trabalhos de valorização estrutural que se apresentam foram executados nas sepulturas megalíticas de Cão do Ribeiro (Vale das Balsas, Proença-a-Nova) e de Cabeço d' Ante (Vila Ruivas, Vila Velha de Ródão), na sequência de intervenções arqueológicas, dirigidas pelo primeiro signatário.

Face aos meios disponíveis, estabeleceram-se projetos reversíveis, de reconstrução parcial, ou seja, sem colocação de coberturas nas câmaras e nos corredores e sem reposição da totalidade do volume original da mamoa, admitindo que esta sobre passaria as estruturas ortostáticas internas. No final, permitiu-se o acesso ao interior dos monumentos, sobre pisos de gravilha, colocaram-se painéis interpretativos (em português e em inglês) e sinalética de orientação, tarefas cuja execução ficou a cargo das respetivas autarquias.

Estes projetos, de baixo custo, foram executados com os meios humanos e mecânicos proporcionados pelas respetivas equipas de arqueólogos e municípios. Outra orientação convencional consistiu na colocação de manta geotêxtil sobre a interface de escavação e o posterior enchimento das cavidades, expostas pelo trabalho arqueológico, com os materiais dali retirados, nomeadamente calhaus, blocos e argila (peneirada).

Em ambas as escavações, foi possível definir o circuito ortostático, da câmara e corredor, pela identificação dos alvéolos de fundação dos esteios ausentes, devido a saque antecedente. Não foi possível atingir esse objetivo em esteios, de menores dimensões e que não tivessem sido originalmente fundados na rocha. Nas posições ou trechos do circuito ortostático onde estavam ausentes esteios, adotaram-se duas diferentes soluções de reconstrução, visando um contraste com a pré-existência pré-histórica e evitando imitar materiais antigos. Num dos casos instalou-se um muro em pedra seca, com blocos dispostos em posição horizontal, no outro caso colocaram-se novos esteios (próteses). A recolocação de esteios e de próteses de esteios consistiu na sua imposição nos respetivos alvéolos, sobre manta geotêxtil com preenchimentos dos espaços vazios com cunhas de pedra e argila, de modo idêntico à técnica pré-histórica.

Estes monumentos dispõem de painéis interpretativos e de sinalética de orientação, estão integrados, como referido, em percursos pedestres e referenciados na rede de Sítios Arqueológicos Visitáveis em Portugal, criada pelo Centro de Arqueologia de Almada, e no guia turístico da *Megalithic Routes – The European Route of Megalithic Culture*, por intervenção do Geopark Naturtejo Mundial da UNESCO.

O Cão do Ribeiro (ou Covão do Ribeiro), que tem o código nacional de sítio no Endovélico, CNS 14593 (**Figura 3**), é uma sepultura complexa, tripartida, embora de pequena dimensão, constituída por câmara de sete esteios, de 2m de diâmetro, por corredor ortostático, de 3m de comprimento e por corredor não coberto (intra tumular), com idêntico comprimento, integrados numa mamoa que teria pelo menos 16m de diâmetro. Foi identificado por Georg Leisner e Vera Leisner em 1945, que dele publicam uma fotografia (Leisner & Leisner, 1956) e uma planta em edição póstuma (Leisner, 1998). Foi realocado pela AEAT nos anos 90 do século passado (Henriques, 2021).

Em 2012, o estado de conservação da estrutura da câmara era idêntico ao documentado em planta pelos investigadores alemães, embora com ausência do que parecia ser um esteio (cutelo) de fecho da passagem da câmara para o corredor, bem como dos esteios no lado sul do corredor. O esteio adjacente ao de cabeceira, no lado sul, mantinha-se muito tombado para o exterior, e no decurso da reconstrução foi deslocado para posição vertical. No presente, o monumento e a sua envolvente estavam muitos degradados por três principais danos e riscos: a passagem sobre a mamoa de um caminho, no limite entre duas propriedades, sendo ainda adjacente ao lado poente da câmara funerária; a remoção da totalidade da mamoa e do circuito ortostático sul do corredor no quadrante sudeste para criação de terraplino destinado a acolher um pavilhão que acabou por não ser construído; a colocação de entulhos, de escavação de uma charca, sobre a mamoa em todo o quadrante nordeste.

O objetivo da intervenção arqueológica (2012-2013), enquadrada no Campo Arqueológico de Proença-a-Nova, foi conhecer a história desta sepultura, dotá-lo de condições pedagógicas para visita e reduzir o risco de degradação futura. A intervenção teve o acolhimento do proprietário da parcela situada a leste do caminho onde se situava a totalidade da estrutura ortostática. Tentou-se afastar o traçado do caminho para fora da mamoa, o que obrigaria ao desvio para o interior da propriedade situada a oeste, ocupada com plantação de eucalipto, mas tal não teve o acolhimento do respetivo proprietário. Antes da intervenção arqueológica acompanhou-se a remoção, por pá de retroescavadora, dos entulhos sobrejacentes à mamoa no lado nordeste. No decurso desta operação foram identificados alguns blocos equiparáveis a esteios.



Figura(s) 3. Cão do Ribeiro antes, durante e depois da intervenção arqueológica.

A intervenção arqueológica incidiu na câmara, no corredor e ainda numa sanja radial de diagnóstico da estrutura da mamoa. Permitiu conhecer o traçado do corredor, seccionado em dois trechos com características diferenciadas, e a presença de um empedrado ritual no trecho mais exterior. A seguir ao corredor intratumular não foi possível identificar vestígios de estrutura equivalente a átrio, para fora do limite da mamoa. A sanja radial também não interseccionou nenhuma estrutura lítica de contenção periférica da mamoa embora pareça estar presente na parte sobreposta pelo caminho. A escavação evidenciou alvéolos de esteios e restos dos mesmos, reduzidos à fundação, tanto no lado sul do corredor como na transição do lado norte do corredor para a câmara. Na posição do esteio do corredor adjacente à câmara, no lado norte, e na posição do esteio da câmara adjacente àquele foram identificados dois alvéolos indicando esteios removidos. A estrutura ortostática do corredor estava conservada no lado norte, com exceção da posição indicada. A mamoa também se conservava em área no quadrante nordeste, embora diminuída em altura.

No que concerne ao restauro do monumento, a primeira decisão consistiu em excluir a colocação de próteses, em substituição de esteios ausentes, em todo o circuito sul do corredor, numa extensão de cerca de 6m. Em alternativa, e de modo análogo a alguns casos apresentados no apartado anterior, optou-se por colocar nesse trecho uma alvenaria de blocos de metassedimentos, em aparelho horizontal, com um perfil descendente desde a câmara até ao limite da mamoa, com cotas equivalentes ao perfil da mamoa existente no lado norte. Além de simular o limite sul do corredor, esta estrutura murária serviria também para fazer a contenção da reposição do volume da mamoa no quadrante sudeste. Nas duas posições de esteios ausentes, na transição do corredor para a câmara, foram colocados, expeditamente, e em modo de reutilização, dois blocos de metassedimento, que poderiam corresponder aos esteios removidos daquelas posições. Contudo, hoje não o faríamos porque essa solução expedita não garante o adequado contraste entre o que é pré-existência e o que é reconstrução.

A reconstrução parcial visada implicou a reposição, em volume, da mamoa removida no quadrante sudeste, com um perfil idêntico ao que se conserva no lado norte. Tal objetivo foi executado com o enchimento desse espaço, sobre manta geotêxtil, da totalidade dos materiais extraídos no decurso da escavação (calhaus, blocos e argila crivada), completado com os inertes resultantes da escavação da charca. Fez-se o enchimento de todo o espaço interno da câmara e do corredor, sobre geotêxtil, até uma cota que garantisse simultaneamente a contenção e estabilidade dos respetivos elementos pétreos e uma observação suficiente da respetiva estrutura. Este espaço foi capeado com gravilha, para piso de circulação. Esse corredor sobre gravilha foi prolongado em toda a periferia da mamoa até à junção com o caminho público.

No âmbito da requalificação ambiental do espaço envolvente da sepultura megalítica foi utilizada uma retroescavadora (do município) para fazer o espalhamento dos inertes provenientes da escavação da charca e que se conservavam ao longo da berma oriental do caminho. Com este material foi criado um amplo terrapleno a envolver o monumento a norte, a leste e a sul.

A intervenção de qualificação foi finalizada com a instalação de uma cerca de madeira, na periferia oriental da mamoa e ao longo da berma oriental do caminho sobre a mamoa, e com a colocação de um painel informativo, em forma de bandeira, no lado norte, virado para a direção de chegada dos visitantes. Este módulo interpretativo foi substituído, em 2023, por uma mesa produzida no âmbito do projeto municipal denominado Rota das Memórias, Aldeias e Histórias.

O Cabeço d'Ante (**Figura 4**), com o CNS 2330, também nomeado oralmente como Cabeça da Anta e como Cabeço do Trovisco, no cadastro rústico, é, tal como no caso anterior, uma sepultura megalítica com estrutura ortostática complexa, tripartida, dotada de câmara e corredor de dois trechos, diferenciados em planta e alçado. Foi descoberto por um dos signatários (Francisco Henriques) nos anos 70 do séc. XX.



Figura(s) 4. Cabeço d'Ante, antes, durante e depois da intervenção arqueológica

Após escavação (2014-2016) verificou-se corresponder ao modelo, em planta, que Georg Leisner e Vera Leisner definiram como "câmara de polígono unilateral com corredor desviado do eixo da câmara (Leisner & Leisner, 1951: ex. Vidigueiras 2), o que lhe confere uma assimetria longitudinal. Em 1998 foi determinada a orientação do corredor por M. Hoskin e F. Henriques (Hoskin & Henriques, 1998), com um azimute de 95°, que corresponde ao intervalo da maioria dos monumentos analisados na região de Ródão (orientação para o nascer do sol). A estrutura interna tinha um estreito esteio de fecho entre a câmara e o corredor. O corredor conservava apenas dois esteios no lado sul, adjacentes à câmara. Na câmara estavam ausentes dois esteios do lado norte (para uma câmara de sete esteios) bem como todos os esteios do circuito norte do corredor.

A mamoa estava muito reduzida, em volume e área, devido a erosão natural, potenciada pela posição no topo de um estreito cabeço, e antrópica (lavoura e rede viária), conservando restos do volume original no espaço adjacente ao esteio de cabeceira e sob o caminho adjacente ao lado sul da estrutura. A subestrutura monticular fora lavrada até data recente no lado norte e surribada, para instalação de povoamento de eucalipto, a sul do caminho que contorna o lado meridional da estrutura ortostática. Além destes danos e do desaparecimento da maior parte dos esteios do corredor, existia outro fator de risco conector com a presença de caminho de cumeada, que encostava ao lado sul do alinhamento câmara-corredor, em coincidência com o limite entre duas propriedades. O rebaixamento e o alargamento desse caminho teriam um efeito direto na destruição da estrutura ortostática sobranete.

Tal como no Cão do Ribeiro, o primeiro objetivo da intervenção arqueológica foi executar uma ação prática de proteção do monumento, face aos riscos identificados, com o envolvimento efetivo dos proprietários, e de redução de outros riscos, inerentes à sua inclusão em percurso de visita. Um segundo objetivo foi conhecer a história desta sepultura. Em terceiro lugar, os resultados da intervenção arqueológica permitiriam dotar este monumento de condições pedagógicas para visita e de conservação contra degradação futura mediante reconstrução.

Para o atingimento do primeiro objetivo, e para além de autorizados pelos proprietários, a intervir nos respetivos terrenos e a criar uma área de reserva arqueológica, foi decisiva a permissão concedida pelo dono do eucaliptal de se fazer um desvio do caminho para sul, mesmo eliminando parte daquele povoamento florestal. O desvio do caminho foi dimensionado em função da estimativa do diâmetro da mamoa, obtida em escavação. O novo caminho deveria contornar o limite exterior da massa monticular que seria reconstruída nesse lado.

No que respeita às características estruturais, relevantes para o projeto de reconstrução, a intervenção arqueológica revelou, no alinhamento norte dos esteios do corredor, cinco cavidades abertas na rocha onde estiveram fundados os esteios originais. Em correspondência com estes, no lado sul, além dos dois esteios que se conservavam impostos no solo, foram identificadas as fundações de três outros. Estes dois alinhamentos poderiam ter sido prolongados, em direção ao átrio ou à periferia da mamoa, por outros blocos (laminares ou alongados), de menores dimensões, colocados sobre o solo, sem recurso a caboucos. Na área escavada a leste do corredor, outrora rasgada pela lavoura, não foram identificadas fundações, restos de esteios, ou artefactos arqueológicos, relacionados com deposições exteriores. Também não se identificaram indícios da subestrutura de contenção ou marcação periférica da mamoa. Deste modo, admite-se que a mamoa teria pelo menos 16m de diâmetro, dimensão estimada a partir das evidências obtidas em escavação.

O subsequente processo de selagem e de reconstrução parcial do monumento consistiu: (1) na colocação de manta geotêxtil em toda a interface de escavação, bem como na área correspondente à superfície da mamoa dentro do diâmetro definido; (2) na recolocação, no respetivo alvéolo, do grande esteio adjacente ao corredor no lado norte, que fora retirado no decurso da escavação por se encontrar tombado sobre o espaço útil de trabalho; (3) na colocação de próteses ou esteios substitutos em todas as posições evidenciadas por fundações, uma na câmara e oito no corredor; (4) no enchimento das principais cavidades de escavação, nomeadamente da depressão adjacente ao esteio norte da câmara,

com as rochas (calhaus e blocos) removidas no decurso dos trabalhos, forma de também os conservar no sítio; (5) no capeamento do enchimento de rochas no interior da câmara e corredor com argila resultante da crivagem e seu capeamento com gravilha de granito, material que definiu desse modo o circuito de entrada no monumento; (6) na abertura de uma estreita vala no limite exterior hipotético da mamoa para colocação de uma estrutura de pequenos blocos destinados a fazer a contenção do seu enchimento; (7) na reposição do volume da mamoa em toda a área, mas de modo parcial em altura, com a deposição de calhaus e blocos removidos durante a escavação e um enchimento de argila, até abaixo do topo do esteio mais baixo (fragmentado), na posição lateral sul da câmara; (8) na marcação do limite da mamoa com uma pequena mota de gravilha de granito em ligação com o mesmo capeamento do interior da estrutura ortostática; (9) na colocação de painel interpretativo, bilingue, produzido pelo município, conecto com o PR2 (Caminho das Virtudes). Não foi colocada cerca de madeira envolvendo o exterior do monumento, tal como fora executado em Cão do Ribeiro, mas não se deve excluir a possibilidade de adotar outros meios de balizamento, como pinos. A operação de selagem e reconstrução foi executada com a colaboração de técnicos e meios mecânicos do município de Vila Velha de Ródão.

Importa referir que a escolha do material utilizado na produção das próteses de esteios foi sujeita à decisão da tutela (Direção Regional de Cultural do Centro e Direção Geral do Património Cultural) tendo sido recusada a proposta de utilização de esteios em betão e aceite a utilização de granito exótico à geologia local como material contrastante. Para aumentar o efeito de contraste, com os originais em metassedimento, os blocos substitutos em granito foram aparelhados com superfícies planas com arestas.

A primeira apresentação pública dos resultados dos trabalhos executados no Cabeço d'Ante concretizou-se, em 2017, com uma visita ao sítio seguida de uma conferência na sede do Grupo de Amigos de Vila Ruivas, com a presença de residentes e membros do executivo municipal.

As antas de Cão do Ribeiro e do Cabeço d'Ante integram a rede turística da Rota Europeia da Cultura Megalítica (**Figura 5**), cumprindo um objetivo de divulgação numa escala internacional.



Figura 5. Logotipo da Rota Europeia da Cultura Megalítica

Considerações finais

Os dois casos de valorização de sepulturas megalíticas na Beira Baixa que se apresentaram neste trabalho são, de momento, os únicos dignos de invocação e de inclusão em roteiros de visita, o que demonstra o enorme atraso desta região interior de Portugal na valorização do seu património megalítico, quando comparada, à escala das dezenas de anos, com outras regiões de Portugal, como o distrito de Viseu, o Algarve e o Alentejo Central e Norte. Importa salientar que estas duas concretizações

se deveram exclusivamente aos meios disponibilizados pelos municípios de Proença-a-Nova e de Vila Velha de Ródão e outros agentes locais, com a proatividade da AEAT. Deve ainda referir-se que não foi possível concretizar, em tempo útil e com o apoio dos respetivos municípios, idênticas intervenções, por exemplo, na Silveirinha (Castelo Branco), na Selada do Cavalo e no Cimo dos Valeiros (Oleiros), tal como fora preconizado no projeto de investigação Mesopotamos.

A execução destes dois projetos de valorização e estudo, de pequena dimensão, compatível com os meios que foi possível mobilizar, visou, de modo estratégico, criar *situações de facto* de proteção efetiva e de valorização pública de sepulturas megalíticas, na Beira Baixa, mobilizadoras de novas iniciativas. É certo que estas ações, com cerca de 10 anos de idade, mereciam um enquadramento multidisciplinar mais alargado, com a inclusão da especialidade de conservação e restauro, para além da arqueologia, da geologia, da antropologia física, da geofísica, da arquitetura, da arquitetura paisagista e das arqueociências. Deverá ser esse o enquadramento técnico de novas operações de musealização de sítios desta natureza.

Um dos problemas pendentes, merecedor da maior atenção, relaciona-se com a degradação, por esfoliação, dos suportes líticos (esteios), em rochas metassedimentares onde predominam os filitos, expostos aos agentes atmosféricos e antrópicos. Mas esse é um problema generalizado para além dos sítios já valorizados. Parece ser menos crítico o efeito direto dos fogos rurais nos sítios já musealizados e, por isso, com menor carga combustível (arbustiva e arbórea) sobre as respetivas estruturas. A integração destes dois monumentos em percursos pedestres tem permitido garantir meios para a sua manutenção e para a monitorização do seu estado de conservação.

As intervenções deste tipo, com selagem, reconstrução e criação de áreas de reserva arqueológica, isentas de atividades económicas, são a melhor forma de proteger os monumentos megalíticos contra os fatores degradativos, naturais e antrópicos, com a primordial colaboração dos proprietários dos terrenos adjacentes, sobretudo, devido à ausência de uma gestão pública efetiva deste património, a nível municipal e nacional, em todos níveis relevantes (licenciamento, manutenção, monitorização, divulgação e valorização), para além dos instrumentos formais de classificação e de ordenamento do território. Interessa também reforçar o valor identitário destes sítios junto da comunidade escolar, potenciando as visitas e a inclusão nos *curricula* na perspetiva da História Local.

No que diz respeito aos conceitos de reconstrução, parcial ou total, verificam-se, nos exemplos supracitados, dois tipos de metodologia de intervenção: a primeira consiste na introdução de elementos exógenos, claramente marcantes de um tempo de restauro e consolidação da imagem global do monumento, e a segunda pela opção de estruturas ou elementos menos intrusivos, que no final se objetiva que se diluam no processo reconstutivo e que não sejam reconhecidos na leitura global do monumento.

Se no restauro da anta do Cabeço D' Ante é seguido o princípio de reconhecimento dos novos materiais, como Técnica de Conservação, de acordo com a Carta de Atenas (1933) ou indicição de Técnicas Modernas, como refere o artº 10 da Carta de Veneza (1964), a opção diverge da primeira intervenção, em Cão do Ribeiro, na qual se exclui a colocação de próteses em substituição de esteios ausentes, segundo uma abordagem por vezes preterida pela tutela.

As duas abordagens descritas, visam contribuir para a definição de uma metodologia de intervenção de um sítio arqueológico, com estas características, preservando-se a identidade do lugar e a leitura global do monumento, integrando-o como um recurso cultural e polo de dinamização da paisagem e do território em que se encontra.

A "marca física" que é implementada permite o processo de reinterpretação e encaminhamento do sujeito para o conhecimento e o reconhecimento do monumento, criando novas leituras e interpretações, que nos permitem olhar o passado e construir o presente, transportando o sítio arqueológico em lugares visitáveis, acessíveis ao público e propensos à investigação.

De acordo com esta interpretação, as sepulturas megalíticas, as mais antigas obras de arquitetura que se conservam nesta paisagem beirã, com milénios de idade, merecem uma atenção especial dos cidadãos e dos decisores, na linha da sua conservação e usufruto público. Estes monumentos são, além de lugares de paisagem, ícones de um comportamento humano universal, como se procurou evidenciar, em 2021, a partir da Beira Baixa, com o congresso *Tumuli and Megaliths in Eurasia*.

Fontes de informação

ALMEIDA, D. F.; O. da VEIGA FERREIRA (1971) - Um monumento pré-histórico na Granja de São Pedro (Idanha-a-Velha). 2º Congresso Nacional de Arqueologia, 1. Coimbra: 163-168.

Archaeological Field Camps Portugal

Associação de Estudos do Alto Tejo

CANINAS, J.; GASPAR, I.; HENRIQUES, F.; MONTEIRO, M.; FÉLIX, O.; SEQUEIRA, A.; ROBLES HENRIQUES, F.; BAPTISTA, P.; JOAQUINHO, A.; FONSECA, P.; PIRES, H.; NETO DE CARVALHO, C.; CORREIA, A.; MIRÃO, J.; PEREIRA, T.; BENJAMIM, M.; BRAVO PEREIRA, L.; PEREIRA, A.; CARVALHO, E.; MENDES, C. e CARMONA, A. (2021) - Campo Arqueológico de Proença-a-Nova: estudo e valorização do megalitismo funerário. In Encontro de Arqueologia do Megalitismo de Viseu Dão Lafões: investigação, conservação, valorização. Beira Alta, revista de estudos da região. 80 (1-2): Viseu: 153-177.

CANINAS, J.; HENRIQUES, F. R.; MONTEIRO, J. L.; HENRIQUES, F.; MONTEIRO, M. & CARVALHO, E. (2015) - The tumuli of Selada do Cavalo (Serra Vermelha, county of Oleiros, district of Castelo Branco). II International Conference of Transition Archaeology. BAR (British Archaeological Reports) International, Series 2708, Edited by Leonor Rocha, Primitiva Bueno Ramírez and Gertrudes Branco, Oxford: 291-305.

CANINAS, J.; HENRIQUES, F.; SABROSA, A. & CHAMBINO, M. (2008) - Trabalhos de reconstrução da anta do Cabeço da Forca (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). Açafa on line, 1 (2008). Associação de Estudos do Alto Tejo.

CANINAS, J.; MONTEIRO, M.; PEREIRA, A.; CUNHA, P. P.; CARVALHO, E.; LIMA, A.; HENRIQUES, F.; FERNANDES, L.; VIEIRA, M. (2012) - Intervenção geo-arqueológica na mamoa do Penedinho Branco (Vila Nova, Miranda do Corvo, Serra da Lousã). In Olhares sobre a Geologia, a Arqueologia e a História de Vila Nova, de Miranda do Corvo e da Serra da Lousã. Junta de Freguesia de Vila Nova: 40-63.

CANINAS, J.; MONTEIRO, M. (2021) - Relatório da monitorização do estado do Património Cultural na área de influência do Parque Eólico de Arada – Montemuro e dos respetivos sobreequipamentos da 1ª fase e 2ª fase e do Parque Eólico de São Pedro e respetivo sobreequipamento. Elaborado por EMERITA para Eólica da Arada.

CANINAS, J.; MONTEIRO, M.; PEREIRA, A.; CARVALHO, E.; HENRIQUES, F.; GOMES, J. A. & FERNANDES, L. (2014) - The mound at Cimo dos Valeiros (Serra Vermelha, Oleiros, Castelo Branco). A Neolithic burial site in the Central Cordillera, south of Serra da Estrela. Mesa Redonda A Morte Protegida, Discursos Arqueográficos e Discursos Mentais, maio de 2013, Abrantes. BAR (British Archaeological Reports) International Series 2648, Edited by na Cruz, Enrique Cerrillo-Cuenca, Primitiva Bueno Ramírez, João Carlos Caninas e Carlos Batata. Oxford: 45-60.

CARVALHO, A. F. (2018) - Anta da Lapa de Meruje (Vouzela, Portugal) - resultados preliminares dos trabalhos em curso. Coord. João Carlos de Senna-Martinez, Mariana Diniz e António Faustino de Carvalho, De Gibraltar aos Pirinéus – Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular. Fundação Lapa do Lobo, Nelas: 201-215

CARVALHO, P. S.; COSTA, A. T.; COSTA, A.; CAETANO, V. M. (2020) – A intervenção no património arqueológico – o caso da mamoa do Carapito. Almadán, 2ª série, 23. Centro de Arqueologia de Almada. Almada: 60-67.

CEBRIÁN DEL MORAL, F.; RODRÍGUEZ, J. Y.; LESTÓN GÓMEZ, M.; VIDAL PÉREZ, F.; CARRERA RAMÍREZ, F. (2011) - El dolmen de Dombate. Arqueología, arquitectura y conservación. Diputación de A Coruña. A Coruña: 309 p.

CORREIA, V.; PARREIRA, R. (2002) - Cola – circuito arqueológico. Roteiros da Arqueologia Portuguesa. Instituto Português do Património Arquitetónico. Lisboa: 74p.

COSTA, F. A. PEREIRA da (1868) - Monumentos prehistoricos - descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal. Typographia da Academia Real das Ciências. Lisboa.

GOMES, L. F.; PERPÉTUO, J. M.; GARCIA, J. (2016) – Conservação e valorização de monumentos megalíticos. Da inocência das soluções aos resultados efectivos. II Mesa-Redonda «Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história» (Porto, 2011). Viseu: 1-30.

CRUZ, D. J.; CUNHA, A. L.; GOMES, L. F. (1990) - A Casa da Orca de Corgas da Matança. Portugalia, 9-10. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: 31-47.

European Route of Megalithic Culture

FERREIRA, A. M., coord. (2004) - Arqueologia: colecções de Francisco Tavares de Proença Júnior. Instituto Português de Museus. Castelo Branco: 261 p.

Geopark Naturtejo Mundial da UNESCO

GOMES, L. F. C.; CARVALHO, P. S. (1997) - A Orca dos Padrões. ACAB Associação Cultural Azurara da Beira. Mangualde: 59p.

HENRIQUES, F., coord (2021) - Proença-a-Nova: Arqueologia e Património Construído. Associação e Estudos do Alto Tejo: 231p.

HOSKIN, M. & HENRIQUES, F. (1998) - The schist tombs of the Portuguese Upper Tejo. In M. Hoskin, Studies in Iberian Archaeoastronomy: (5) Orientations of megalithic tombs of Northern and Western Iberia. Archaeoastronomy, 23. Cambridge: 66-68.

LEISNER, V. (1998) - Die Megalithgraber Der Iberischen Halbinsel, Der Westen. Deutsches Archäologisches Institut, Walter de Gruyter. Berlin, New York: 162 p.

LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) - Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da Cultura Megalítica em Portugal. Instituto para a Alta Cultura. Lisboa: 322 p.

LEISNER, G. & LEISNER, V. (1956) - Die Megalithgraber Der Iberischen Halbinsel: der Westen. Deutsches Archäologisches Institut, Walter de Gruyter. Berlin, New York.

MORÁN, E. & PARREIRA, R. (2004) - Alcalar 7 estudo e reabilitação de um monumento megalítico. Cadernos, 6 (2ª série). Instituto Português do Património Arquitectónico. Lisboa: 335 p.

Museu do Megalitismo de Mora

National Geographic (2020) – Cnossos e Micenas, reconstituições em 3D. National Geographic, Especial Arqueologia, 12.

OLIVEIRA, J. (2019) – MegaNisa – Megalitismo de Nisa. Câmara Municipal de Nisa, 32p.

OLIVEIRA, J. de; PEREIRA, S.; PARREIRA, J. (2007) - Nova carta arqueológica do concelho de Marvão. Ibn Maruán, 14. Edições Colibri. Lisboa: 299 p.

PEREIRA DA SILVA, F. A. (1991) - Mamoa da Charneca das Canas (Fratel, Vila Velha de Ródão). Edição da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão. 23 p.

PEREIRA, F. ALVES (1933) - A Pedra d' Anta ou um monumento megalítico na Beira-Baixa. O Archeologo Português, 29. Lisboa: 49-75.

PERPÉTUO, J. M.; GARCIA, J.; GOMES, L. F. (2009) – Monumentos megalíticos de Oliveira do Hospital- crença na eternidade. Câmara Municipal de Oliveira do Hospital e Arqueohoje.

PROENÇA JÚNIOR, F. T. (1909) - Anta da Urgueira. Typographia Leiriense. Leiria.

PROENÇA JÚNIOR, F. T. (1910) - Archeologia do districto de Castello Branco: 1ª contribuição para o seu estudo. Typographia Leiriense. Leiria: 25 p.

SANCHES, M. J.; NUNES, S. A.; SILVA, M. S. (2005) - A mamoa 1 do Castelo (Jou) - Murça (Trás-os-Montes): resultados dos trabalhos de escavação e restauro de um dólmen de vestíbulo. Portugalia, 26, nova série. Porto: 5-39 p.

SANTOS, F.; N. FIGUEIRA (2011) - The pre-megalithic (?) funerary monumento of Eira da Vinha (Perais, Vila Velha de Ródão, Castelo Branco, Portugal). In Bueno Ramírez, P., Cerrillo Cuenca, E., González Cordero, A., coord., From the origins: The prehistory of the Inner Tagus Region. BAR International Series 2219. Oxford: 55-72.

SCARRE, C. (2006) – Consolidation, reconstruction, and the interpretation of megalithic monuments. In Arkeos, perspectivas em diálogo, 16. Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo: 13-44.

SILVA, A. M., coord. (2004) - Memórias da Terra. Património arqueológico do concelho de Arouca. Câmara Municipal de Arouca. Arouca: 464 p.

Sítios arqueológicos visitáveis em Portugal

Tumuli and Megaliths in Eurasia

Turismo em Antequera

Turismo Viseu Dão Lafões

VILAÇA, R.; CRUZ, D. J. (1990) - A Casa da Orca da Cunha Baixa. Terras de Azurara e Tavares, 2. Câmara Municipal de Mangualde. Mangualde: 42p.

